

**EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS EXPRESSIVOS DE PACIENTES
DO RECANTO FELIZ**

— HOSPITAL DR. RAUL MALTA — MDP II —

Inês Yuriko Sacay (*)

Maria Dionísia do Amaral Dias (**)

R E S U M O

As autoras fazem uma avaliação de uma exposição de trabalhos expressivos de pacientes, realizada em São Paulo, dentro da proposta que vem sendo desenvolvida no Recanto Feliz — espaço de atividades de Terapia Ocupacional do Hospital Dr. Raul Malta, do Departamento Psiquiátrico II — Hospital de Juqueri.

Neste trabalho, coloca-se em discussão a importância, para pacientes com longo tempo de internação numa instituição fechada, como o Hospital de Juqueri, de eventos que compreendam simultaneamente uma saída da instituição, uma participação em atividades sociais, e uma forma de expressão e auto-valorização.

I. INTRODUÇÃO

Realizou-se uma exposição de trabalhos de pacientes do Hospital de Juqueri, no período de 14 a 28 de março de 1987, na cidade de São Paulo, no Kabbalah Bar, que dispunha de um espaço cultural. Foram mostrados desenhos e pinturas em papel ou madeira, e poesias.

A Exposição apresentou trabalhos de seis pacientes da Sala de Pintura do Recanto Feliz(*), que é um espaço de Terapia Ocupacional e pertence ao Hospital Dr. Raul Malta, do Hospital de Juqueri. Compreen-

* Terapeuta Ocupacional do Hospital Dr. Raul Malta — MDP II Hospital de Juqueri, prestando serviço no Recanto Feliz.

** Psicóloga do Hospital Dr. Raul Malta — MDP II — Hospital de Juqueri, prestando serviço no Recanto Feliz.

de uma área externa às clínicas do Hospital, e recebe pacientes de todas as clínicas e de algumas colônias. Além disso, pacientes mais «preservados» e independentes, que na sua maioria têm livre saída de suas unidades, procuram espontaneamente o Recanto para participarem das atividades que são desenvolvidas no setor.

Existem no Recanto Feliz quatro Salas de Atividades, assim distribuídas: a) bordado e costura; b) trançagem; c) marcenaria; d) pintura e desenho. A orientação técnica está a cargo de uma terapeuta ocupacional e uma psicóloga, sendo o acompanhamento diário feito por 14 auxiliares de laborterapia, divididos em grupos de três ou quatro por sala. Cada Sala de Atividade tem propostas específicas na forma de trabalho, sendo esta Exposição uma das propostas da Sala de Pintura e Desenho, que é um espaço de atividades mais expressivas, diferente das atividades executadas nas demais salas.

O objetivo do Recanto Feliz é o desenvolvimento de atividades com caráter terapêutico e não ocupacional, onde o paciente possa conhecer-se através do que faz, exercitando o seu querer, identificando seus desejos e limitações.

No contato, quase diário, destes pacientes com os auxiliares de laborterapia existe uma relação diferenciada, uma relação de afeto com as pessoas e com o trabalho. O Recanto Feliz é um local onde as relações interpessoais desenvolvem-se, seja através da atividade ou não. É um espaço de convivência, não tanto no seu objetivo primeiro, mas na prática diária; e alguns pacientes frequentam o Recanto mas não desenvolvem nenhuma atividade específica nas salas, estando sempre ali, conversando, cantando, tocando violão.

Esta Exposição tinha alguns objetivos específicos, e durante o processo um deles tornou-se o mais importante, a saída dos pacientes para o outro lado dos «muros», para mais perto da comunidade, o que ocorreu sem prejuízo dos demais objetivos visados:

- possibilitar aos pacientes darem uma finalidade para o que fazem — mostrar para outras pessoas;
- promover a venda dos trabalhos (o dinheiro das vendas seria revertido diretamente para o paciente, descontados 10% para, simbolicamente, cobrir a despesa de material — essa porcentagem ficaria no Fundo Especial de Despesas);
- divulgar o trabalho desenvolvido no Recanto, dentro e fora do Hospital.

* O Recanto Feliz existe com a proposta atual desde agosto de 1983, tendo sido proposto e implantado pela Diretoria Clínica, no Projeto 130 — de 1983.

II. R E L A T O

1. Preparação

Teve início aproximadamente três semanas antes da realização da Exposição, sendo cada paciente acompanhado individualmente. Três auxiliares de laborterapia, uma terapeuta ocupacional e uma psicóloga do Recanto formavam a equipe de trabalho. Foram também contatadas as clínicas dos pacientes expositores para que as respectivas equipes técnicas pudessem acompanhá-los nesse processo, e também para possibilitar um trabalho técnico integrado.

A preparação constou das seguintes etapas:

1.1 — **Escolha dos trabalhos** que o paciente queria mostrar e dos que desejava vender. Houve, por parte dos pacientes, avaliação da qualidade do produto da atividade quanto ao acabamento e dos aspectos que gostariam de melhorar.

1.2. — **Colocação do título e preço no seu próprio trabalho.** Houve uma reflexão sobre o trabalho quanto ao tema central, o conteúdo do desenho ou pintura, uma valorização do produto acabado e uma reflexão sobre o significado disso para ele mesmo.

1.3 — **Escolha dos convidados para a «Vernissage» (*).** Alguns pacientes preferiram chamar amigos e pessoas com alguma ligação afetiva e outros quiseram convidar pessoas ligadas à área artística. A confecção dos convites foi feita pela terapeuta ocupacional e auxiliares, com um paciente-expositor ajudando na redação. Os pacientes entregaram os convites para os seus convidados e a equipe da Exposição responsabilizou-se pela entrega dos outros convites aos diretores, funcionários da área técnica e da área administrativa.

1.4 — **Divulgação.** Foi feita pela equipe da Exposição e pelo Bar para a imprensa, para profissionais da área de Saúde Mental e área artística, além da divulgação interna no Hospital.

1.5 — **Montagem.** Dois expositores ajudaram a equipe da Exposição na colocação dos trabalhos, havendo também a participação de alguns técnicos de outras unidades e auxiliares de outras salas do Recanto.

(*) «Vernissage»: pré-estréia.

2. — Abertura da Exposição

Os pacientes-expositores estiveram acompanhados dos auxiliares de laborterapia em sua saída do Hospital, durante sua permanência na exposição, e ao retornarem ao Hospital. Durante a Exposição os pacientes ficaram na maior parte do tempo falando sobre seus trabalhos, conversando com os convidados.

A maioria dos convidados eram funcionários do Juqueri, pois havia a preocupação de que nessa primeira saída do Recanto para fora do Hospital, os pacientes pudessem sentir-se à vontade num ambiente em que pessoas conhecidas estivessem presentes. Foi pensado também que devido a falta de contato entre as equipes no dia-a-dia, a «Vernissage» pudesse propiciar um encontro entre as mesmas, para que pudessem conhecer o trabalho do Recanto.

Durante o evento foi transmitida pela televisão uma entrevista concedida pela manhã pelos técnicos do Recanto sobre a proposta da Exposição, e por dois pacientes que falaram sobre os seus trabalhos, e que foi assistida pelas pessoas presentes.

3. — Continuidade da Exposição

A Exposição continuou aberta para visitação e venda ao público por duas semanas. A maior parte das vendas ocorreu na abertura, sendo grande o número de trabalhos adquiridos pelos funcionários do Hospital. A visitação foi de maior interesse de profissionais da área de saúde mental.

4. — Acompanhamento dos pacientes

Efetivou-se um trabalho técnico-psicológico de apoio, com os pacientes-expositores, na preparação, abertura e pós-abertura, pela equipe da Exposição em conjunto com um responsável de cada equipe técnica das unidades a que pertenciam os pacientes. Baseou-se principalmente no vínculo que já existia entre pacientes e técnicos, fortalecido durante o processo.

Na fase inicial foi possível trabalhar com os pacientes suas ansiedades e angústias manifestas em consequência de estarem se expondo através de seus trabalhos, da percepção de suas falhas, de sua auto-valorização, da aceitação do outro, da sua participação no dia da abertura.

Após a «vernissage» foi feito um acompanhamento com estes pacientes no sentido de avaliar como foi a Exposição; o que sentiram ao estar fora do Hospital, no contato com as pessoas, em mostrarem-se através de seus trabalhos. Houve a preocupação em observar cada um, mantendo-se o vínculo estabelecido com a equipe da Exposição.

A Exposição e a participação dos pacientes na abertura foi de grande importância, e em cada um mobilizou algumas questões internas, pelo fato de terem vivenciado situações diferentes: eles estavam se expondo, mostrando seus trabalhos, conversando com diversas pessoas, foram para São Paulo, eram o destaque. Depois retornaram ao Hospital — naquela noite muitos talvez nem tenham conseguido adormecer — na semana seguinte viviam das lembranças do «grande dia», entre comentários e relatos diversos; e aos poucos foram retomando o cotidiano dentro do Hospital. Alguns entraram em estado de «pré-surto» um pouco antes ou depois da «vernissage», o que já era esperado.

Após esse momento, alguns pacientes afastaram-se das atividades do Recanto, outros continuaram ativos. Foi notório que houve mudanças com todos. Os que se afastaram das atividades mantiveram o vínculo com as pessoas do Recanto, tendo sido feito o acompanhamento, muitas vezes, fora desse espaço, em outras situações. Estes já não tinham vínculo muito estreito com a atividade em si: um deles procurou o que realmente era de seu interesse — a relação com as pessoas; outro já demonstrava uma dificuldade anterior na sua relação com o trabalho, e a Exposição parece ter acentuado isso, o que vem sendo abordado com o paciente desde então. Para os que continuaram, pôde-se observar que a Exposição possibilitou novas perspectivas de vida dentro do Hospital. Estes pacientes procuraram o aprimoramento e desenvolvimento do seu trabalho, e não só mantiveram, como ampliaram seus vínculos pessoais, e buscaram melhor sua condição mínima de vida através de recursos próprios (como comprar roupas, fazer dentadura, com o dinheiro ganho na venda de seus trabalhos).

III. DISCUSSÃO E AVALIAÇÃO

Podemos dizer que os objetivos iniciais da Exposição foram atingidos, e ainda conseguimos ir além deles.

A Exposição propiciou maior integração entre o Recanto Feliz e as Clínicas, bem como entre as respectivas equipes terapêuticas.

A proposta inicial da Sala de Pintura era realizar uma exposição no Hospital, uma na comunidade de Franco da Rocha, e outra em São Paulo, nessa ordem. Por surgir uma oportunidade, a exposição em São Paulo ocorreu primeiro, mas percebemos que mesmo assim o processo natural seguiu seu curso — a «saída ocorreu para dentro» — para viver um momento interno foi necessário sair.

Na época, com consequência das mudanças políticas, já se sentia um clima de incerteza em relação à continuidade dos trabalhos. Também após dois anos de início do trabalho técnico mais amplo, era sentida pelos profissionais de diferentes unidades, uma necessidade de troca de experiências dentro e fora do Hospital. Esse momento concretizou-se na Exposição.

O mais importante dessa atividade fora do Hospital foi que ela provocou outras «saídas» num lugar onde se solidifica uma dinâmica da estagnação, da massificação, da doença, do poder. O Juqueri é ainda chamado de hospital de tratamento, apesar de há muito ter característica asilar. Com frequência, questionamos esse aspecto no sentido de que, em se tratando de um «hospital asilo», deve-se dar uma atenção maior para melhorar as condições de vida do paciente dentro do Hospital, e não só trabalhar no sentido da alta. Em ambos os casos, é necessário um movimento, que só é criado quando pensamos no sentido da saída, como abertura e movimento, modificando essa dinâmica.

A Exposição não teve repercussão significativa na comunidade. A saída maior deu-se para dentro do Hospital tendo como resultado a integração dos técnicos de diferentes unidades, um encontro dos funcionários com os pacientes de uma forma diferente, um encontro dos pacientes consigo mesmo.

Acreditamos que a saída para aquele que está há tanto tempo institucionalizado nem sempre é a alta, mas a abertura de novas perspectiva de vida — sentir a necessidade de ter uma dentadura para comer melhor e ficar mais bonito, ou de aperfeiçoar a sua pintura que é seu trabalho. Terapêutico dentro de uma instituição fechada é criar essas possibilidades partindo do movimento de saída. Nesse processo o paciente passará por decepções talvez, por acreditar que pode viver na comunidade, e então, ao descobrir que ainda não pode, recuará; e nesse vai-e-vém perceberá quais as suas possibilidades, qual o seu «espaço».

Avaliamos que o mais importante para nós em todo este processo foi o vínculo estabelecido com os pacientes, com o que houve um crescimento conjunto. Acreditamos que para eles passou a existir a garantia de manutenção dessas relações, o que é de suma importância num local como o Juqueri, onde os vínculos são frágeis e frouxos. E isso também nos dá uma garantia, a de continuidade do nosso trabalho com eles.

Para a realização desse trabalho tivemos que mudar a nossa rotina diária, principalmente para viabilizar o acompanhamento dos pacientes expositores, o que, avaliamos, tenha sido feito. Como decorrência, as expectativas e frustrações mobilizadas por esse evento nos outros pacientes que frequentam o Recanto não puderam ser trabalhadas

Também a nossa forma de trabalho junto aos auxiliares de laborterapia modificou-se para a realização da Exposição. Houve um trabalho mais conjunto e próximo, que resultou na reflexão sobre a nossa inserção na unidade e, de certa forma, na reavaliação das diferentes funções e a possibilidade de entrosamento entre-elas. Seria bom poder dizer que para todos os auxiliares houve também mudanças, mas não podemos afirmar isso categoricamente, embora percebemos que para alguns houve uma abertura em relação aos técnicos da unidade.

SUMMARY

The authors evaluate an exhibit of expressive works made by patients held in São Paulo, within the proposal which is being developed at «Recanto Feliz», an Occupational Therapy area of the «Dr. Raul Malta Hospital», at the Psychiatric Department II of the Juquerí Hospital.

In this work it discussed the importance, to long term interned patients of a closed institution, such as the Juqueri Hospital, of events which include, simultaneously, a leave from the institution, a participation in social activities and a way of expression and self appreciation.

AGRADECIMENTOS

Aos auxiliares de laborterapia do Recanto Feliz e aos funcionários técnicos que colabaram para a realização dessa Exposição;

Ao José Augusto de Oliveira, proprietário do Kabbalah Bar;

Ao Dr. Dario Braz da Silva, pela orientação e apoio para a publicação deste artigo.

ENDEREÇO DAS AUTORAS

Departamento Psiquiátrico II
Hospital Dr. Raul Malta
Av. Pres. Tacredo de Almeida Neves, s/nº
Franco da Rocha — São Paulo

A N E X O

Folhetim da Exposição

EXPOSIÇÃO E VENDA DE TRABALHOS DE PACIENTES DA SALA DE PINTURA — RECANTO FELIZ HOSPITAL DO JUQUERI

Organizadores Responsáveis :

Eliane Maria Celleguim — Auxiliar de Laborterapia

José Augusto de Oliveira — Kabbalah Bar

Inês Yuriko Sacay — Terapeuta Ocupacional

Liliane Silva Jacobini — Auxiliar de Laborterapia

Maraci Tavares Lapim — Auxiliar de Laborterapia

Maria Dionísia do Amaral Dias — Psicóloga

Essa é uma exposição de trabalhos de pacientes que desenvolvem atividades na Sala de Pintura do Recanto Feliz, que pertence ao Hospital Central do Juqueri.

O Recanto Feliz é um espaço onde desenvolvem-se várias atividades, com caráter mais terapêutico que ocupacional. É frequentado por pacientes mais independentes, que têm livre saída das clínicas. É um local onde essas pessoas «pacientes», podem exercitar o seu querer, e através disso identificar seus desejos e limitações. Onde há possibilidade de cada um ver-se a si mesmo, percebendo-se como indivíduo.

A Exposição tem como proposta trazer o paciente para perto do «mundo» fora do Hospital, como Seres Humanos, não como loucos. É o momento deles falarem de si mesmos; mostrando o que pensam, o que fazem — suas vidas.

Não pretendemos mostrar um trabalho técnico do ponto de vista artístico, mas importa, aqui, o significado do que é feito para quem o faz. E assim poderemos conhecer um pouco os autores; pessoas que têm uma história, como todos, mas a quem foi dada a função de doente da sociedade.

OS EXPOSITORES

A. A. R. — 36 anos, sexo masculino.

Dentre os expositores é o que frequenta a Sala de Pintura há menos tempo. O Recanto Feliz é para ele um local de contato; e embora frequente a sala não faz desenho, como os outros, prefere escrever: poemas, frases, cartazes. Muitas vezes assina com pseudônimos, utilizando nome de pessoas famosas. Gosta de conversar, de falar em inglês, mas fala pouco de si mesmo, prefere temas gerais.

A. C. D. B. — 53 anos, sexo masculino.

Geralmente alegre, gosta muito de conversar, mas fala enquanto desenha ou pinta. A maioria de seus trabalhos mostra cenas do Juqueri, antigas e atuais. Tem um esquema próprio do trabalho: primeiro faz um rascunho (que guarda consigo), depois passa para a cartolina e pinta, e a última etapa é passar para madeira ou tela (quando existe o material disponível), fazendo sempre algumas modificações no seu desenho.

J. G. C. — 32 anos, sexo masculino.

É uma pessoa tranquila, de pouca conversa, mas muito participativa. Faz sozinho todas as etapas de seu trabalho: corta e prepara a madeira, desenha, pirografa e pinta. Para pintar usa várias formas: com guache, caneta hidrocor, giz de cera, lápis de cor ou tinta a óleo. Diz que se sente livre para expressar-se através do desenho, e que o Recanto é um dos poucos lugares bons do Juqueri. Já participou de atividades na Sala de Trançagem e na Marcenaria.

M. A. D. — 40 anos, sexo feminino.

Frequenta a sala de Pintura desde que esta se formou. Diz que gosta de pintar, mas ela também borda, faz tapetes. Em seus trabalhos pode-se perceber o gosto pelas cores vermelha e preta. Gosta de conversar, contudo aparecia também alguns momentos de silêncio, e muitas vezes pede aos outros que falem mais baixo, enquanto trabalha.

P. S. G. — 29 anos, sexo masculino.

Quase sempre sorridente, gosta muito de conversar. Falando sobre o Recanto diz que é um lugar «tranquilo, onde sente-se mais à vontade», que gosta das atividades porque «prende a atenção e esquece o mundo lá fora». Nos desenhos, a maioria pirografados em madeira, parece conseguir expressar muito mais nos títulos que lhes dá do que no próprio desenho. Assim como no seu dia-a-dia interessa-se mais pelas conversas, as relações com as pessoas, que pelas atividades em si.

U. F. B. — 59 anos, sexo masculino.

Ele participa, também da Escola de Artes do Museu Osório César — Juqueri. Procurou o Recanto pela possibilidade de venda de seus trabalhos (o que inexistia no Museu).

Gosta de falar dos trabalhos que faz e diz que o desenho é a sua forma de expressão, de dizer o que pensa, mostrar suas fantasias e coisas de sua vida atual e passada. Também gosta de escrever. Sente prazer e mesmo uma necessidade de mostrar seus desenhos, e fala deles como sendo a sua atual profissão — desenhar, pintar.